

# A dimensão estilística da variação e as formas de tratamento *tu/você/senhor(a)* em Cametá-PA

*The stylistic dimension of variation and the forms of treatment  
tu/você/senhor(a) in Cametá-PA*

Márluce COAN\*

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Raquel Maria da Silva COSTA \*\*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

**RESUMO:** Tratamos, neste artigo, do comportamento variável entre *tu/você/senhor(a)* em Cametá-PA, mediante análise das relações entre os interlocutores, sejam simétricas ou assimétricas (de inferior para superior ou vice-versa). Os dados foram obtidos em interações face a face de 16 grupos focais, cada qual constituído por um informante-base e outros três informantes, totalizando 64 participantes na pesquisa. Na fala dos 16 informantes-base, obtivemos 527 dados, assim distribuídos: 307 de uso de *tu*, 182 de uso de *você* e 38 de uso de *senhor(a)*, indicando a preferência da comunidade pela forma *tu*. À luz de pressupostos da Teoria da Variação, mais especificamente da variação estilística, observamos que há usos preferenciais de acordo com as relações estabelecidas entre os participantes, do que decorre favorecimento de *tu* em interações socialmente simétricas (65,6%), de *você* em relações assimétricas de superior para inferior (44,1) e de *senhor(a)* em relações assimétricas de inferior para superior (57,5%).

**PALAVRAS-CHAVE:** Pronomes de referência à segunda pessoa. Variação estilística. Relações simétricas e assimétricas.

---

\* Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina; professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará; coordenadora dos grupos de pesquisa SOCIOLIN-CE e SOCIOLIN-LE; bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, nível 2. E-mail: coanmalu@ufc.br

\*\* Professora do Curso de Letras - Língua Portuguesa, do Campus Universitário do Tocantins/Cametá (UFPA). Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Especialista em Estudos Culturais da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e graduada em Letras - Língua Portuguesa, pelo Campus Universitário do Tocantins/Cametá (UFPA). E-mail: raqmaria@ufpa.br

**ABSTRACT:** In this paper we deal with the variable behavior between “*tu/você/senhor(a)*” at Cametá-PA, by analyzing of symmetrical or asymmetrical interactions (from bottom to top or vice versa). The data were obtained in face-to-face interactions of 16 focus groups, each consisting of one based-informant and three others, totalizing 64 participants in the research. In the speech of the 16 basic-informants, there are 527 data, distributed as follows: 307 data of “*tu*”, 182 of “*você*” and 38 of “*senhor(a)*”, indicating the community's preference for the “*tu*” form. Based on Theory of Variation, more specifically stylistic variation, we observe that there are preferences of use according to the relationships established between the participants, which results more use of “*tu*” in socially symmetrical interactions (65.6%), use of “*você*” in asymmetrical top-to-bottom relationships (44.1) and “*senhor(a)*” in asymmetrical bottom-to-top relationships (57.5%).

**KEYWORDS:** Pronouns of reference to the second person; stylistic variation; symmetrical and asymmetrical interactions.

## Introdução

As formas de referência à segunda pessoa, *tu*, *você* e *senhor(a)* na função de sujeito, constituem nosso objeto de estudo neste artigo, as quais investigamos à luz de pressupostos variacionistas, pelo viés da variação estilística, no Português falado na zona urbana do município de Cametá, estado do Pará. Intentamos verificar até que ponto *relações hierárquicas* (simétricas e assimétricas) motivam as formas sob análise em grupos focais, ou seja, em grupos nos quais há diferenças entre os papéis sociais estabelecidos entre o informante-base e os demais informantes com os quais interage.

Estudos recentes sobre o Português Brasileiro revelam que o pronome pessoal do caso reto de segunda pessoa, *tu*, vem cedendo espaço ao pronome de tratamento *você* (ANDRADE, 2004<sup>1</sup>; SANTOS, 2010<sup>2</sup>; MODESTO, 2006<sup>3</sup>; OLIVEIRA, 2007<sup>4</sup>; ALVES, 2010<sup>5</sup>; HERÊNIO, 2006<sup>6</sup>), diferentemente do que ocorre no estado do Pará,

---

<sup>1</sup> Pesquisa sobre o uso de *você/cê/tu* na Vila de Planalto (DF).

<sup>2</sup> Pesquisa sobre *tu/você* no Centro urbano da cidade de Rio de Janeiro (RJ).

<sup>3</sup> Pesquisa sobre *tu/você* na cidade de Santos (SP).

<sup>4</sup> Pesquisa sobre a variação *tu/você* nas comunidades rurais de Santo Antônio de Jesus e Poções (BA).

<sup>5</sup> Pesquisa realizada sobre *tu/você* nos municípios de São Luís e Pinheiro (Mesorregião Norte), Bacabal e Tuntum (Mesorregião Centro) e Alto Parnaíba e Balsas (Mesorregião Sul) (MA).

<sup>6</sup> Pesquisa sobre *tu/você* em Uberlândia (MG) e em Imperatriz (MA).

segundo pesquisas de Leal e Soares (1993) e AUTOR (2016) sobre as formas de referência à segunda pessoa.

Nossa pesquisa caracteriza-se pelo diferencial de analisar relações interacionais mais amplas, para verificar se a forma *tu* é motivada por relações simétricas, em contraposição ao uso de *você/senhor(a)* em relações assimétricas, a depender do grau de proximidade/intimidade, do grau de inferioridade ou superioridade, ou do status social do interlocutor. Baseamo-nos, para tanto, na teoria de poder e de solidariedade (BROWN E GILMAN, 1960): nas interações comunicativas, as formas de tratamento estão voltadas ou para o poder (relações assimétricas) ou para a solidariedade (relações simétricas). As diferenças entre os usos pronominais, segundo Brown e Gilman (1960), podem, portanto, revelar casos de *poder semântico não recíproco*.

Este é um tema de interesse porque as motivações estilísticas pautam usos pronominais desde outras épocas. Menon (1995) destaca que, na época medieval até o século XIV, as convenções sociais exigiam a utilização de uma forma de tratamento respeitosa, ou seja, o uso de *vós* em detrimento de *tu*, em situações formais, ficando o uso de *tu* como forma de tratamento característico a pessoas em status de igualdade ou de superior para inferior. Como a forma *vós* não apresentava restrições de uso, por caracterizar-se como um pronome respeitoso, era considerada a forma menos marcada.

A origem do pronome *você*, contudo, encontra-se atrelada a tratamento cerimonioso, decorrendo de um processo de gramaticalização nos seguintes campos:

(1) alterações fonológicas bilineares (= fonologização) de *Vossa Mercê*: numa linha, tivemos as derivações *Vossa Mercê* > *vosmecê* > *você* > *ocê* > *cê*; em outra linha tivemos *Vossa Mercê* > *vosmicê* > *vassuncê*; (2) alterações sintáticas: um sintagma nominal é reanalisado como pronome pessoal; (3) alterações pragmáticas: *Vossa Mercê* era um tratamento dispensado aos reis. (CASTILHO, 2010, p. 479 – grifos do autor).

Como decorrência desse processo de gramaticalização, passa a ser forma empregada tanto pelos nobres quanto pela classe social mais baixa, em tratamento respeitoso. O uso a pessoas sem uma dignidade honorífica consagrou, ao final do século XIX, a forma *você* como tratamento empregado entre iguais. No início do século XX, entretanto, recebeu uma conotação positiva pela sociedade, caracterizando-se como

forma de *fino trato*, apreciação que perdura até hoje. Para Rodrigues (2003, p. 351), o tratamento “de você encontra-se largamente expandido entre os portugueses de Portugal, sinal de que os valores depreciativos ou insultuosos que outrora o marcaram terão já desaparecido, ou estarão em vias de desaparecer.”

Para Preti (2008), sociedades contemporâneas, como da América, em que a formalidade não é uma prioridade nas interações sociais mediadas pela linguagem, variantes como *você*, outrora indicativa de poder, estão demonstrando maior tendência para expressar solidariedade e intimidade, perdendo, desse modo, a função diferenciadora, expressa pela oposição *tu/você*, entre solidariedade e poder. No Brasil, o que se observa é que a forma *você*, de maior frequência na fala, é usada indistintamente tanto para relações de maior como de menor intimidade. Talvez a aproximação entre os usos pronominais se deva ao fato de o Brasil não se constituir uma sociedade altamente hierarquizada, por isso a não necessidade da existência de fórmulas de tratamento hierarquizadas. Quando se deseja enfatizar essas relações hierarquizadas, volta-se, segundo Preti (2004), para o sistema dual *tu/ senhor(a)*.

Na Idade Média, *senhor* era um termo de cortesia usado como sinônimo de rei, já que o monarca era o primeiro dos senhores, portanto merecedor desse termo cortês, bem como era estendido à família real, ao clero e às pessoas de status social/político elevado: “o rei regulamentava não só como ele próprio devia ser tratado por senhor, mas também quem assim o devia ou podia fazer” (RODRIGUES, 2003, p. 353). Atualmente, segundo Neves (2002), *senhor e senhora* oscilam, em Português, entre seu significado originário do latim - *seniore* - ligado à classe dos substantivos, denotando um sujeito *mais velho*, e a acepção *marcada pela noção de respeito, culturalmente ligada ao tratamento com pessoas idosas*. (p. 178).

Atentemos para o fato de que *você* já aparece incluído no quadro de pronomes pessoais, como o faz Perini (2010), no entanto as formas *senhor/senhora, vossa excelência e a gente* comportam-se como nominais comuns, segundo o autor. E *seriam “pronomes pessoais” no sentido de que se referem a um interlocutor, mas gramaticalmente não diferem dos outros SNs* (PERINI, 2010, p. 115). Cunha e Cintra (2008, p. 303-304), embora caracterizem os pronomes *você* e *senhor(a)* como pronomes de tratamento, mencionam que “valem por verdadeiros pronomes pessoais. Outrossim informam que, apesar de designarem a pessoa a quem se fala (isto é, a segunda pessoa),

esses pronomes levam o verbo para a terceira pessoa (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 303-304).

Considerando-se os usos das três formas sob análise, observamos, em geral, que as pesquisas sobre pronomes, no Português do Brasil, revelam que a forma *tu* é mais frequente em algumas áreas das regiões Norte e Sul do país, embora a forma *você* seja empregada com bastante frequência em quase todo o território nacional, o que induz à conclusão de que está substituindo o *tu*, com valor de intimidade, ao passo que *senhor* e *senhora* são ainda consideradas formas de respeito ou de cortesia e opõem-se a *você*, na maior parte do Brasil. Há que considerar, contudo, como afirma Menon (1995, p. 92), que, “embora o uso de *você* seja uma realidade na maior parte do Brasil, ainda existem áreas, mais ou menos definidas, onde a vitalidade de uso do *tu* é característica do(s) dialeto(s)”.

Ademais, é preciso observar que o uso de uma ou outra forma não só indica a pessoa com quem se fala, mas também, conforme Castilho e Basílio (2002), revela um discurso sobre esta pessoa, implicada nesta forma usada na interação e referida pela primeira pessoa, só sendo, portanto construída no interior de uma situação discursiva proposta pelo *eu*.

Essas razões conduzem-nos a investigar as formas *tu/você/senhor(a)*, com o intuito de verificar se Cametá-Pará é uma dessas regiões de vitalidade do *tu* e se os usos são motivados por fatores estilísticos em situações interativas entre pessoas de diferentes estratos sociais. Para tais propósitos, apresentamos nas seções que seguem pressupostos teórico-metodológicos que nos auxiliaram na análise e explicação do fenômeno, ou seja, tratamos da dimensão estilística da variação, bem como dos procedimentos que pautaram a organização de grupos focais, para que pudéssemos verificar motivações de uso de uma ou outra forma.

## **1. Pressupostos teóricos: variação e estilo**

Por crermos que o uso alternado das formas de referência à segunda pessoa (*tu/você/senhor(a)*) reflete diferentes regras sociais estabelecidas para as relações interpessoais, pautamo-nos nos estudos de Bell (1984), Labov (1996, 2001, 2008) e Corvalán (2001), para analisarmos como os diferentes estilos se relacionam com a

alternância pronominal em tela neste artigo, priorizando, portanto, a dimensão estilística da variação. Para Labov ([1966], 2006 p. 58), “os linguistas nunca foram inconscientes dos problemas da variação estilística”, deixavam-na de lado nos estudos porque as técnicas de análise linguística não eram satisfatórias e adequadas para lidar com a extensão da regularidade preponderante.

Um dos primeiros estudos sociolinguísticos que considerou, além da estratificação social e geográfica, a estratificação estilística, foi o de Labov ([1966], 2006) sobre a realização do fonema consonantal /r/ no inglês de Nova Iorque. Os resultados mostraram que as variantes alternavam, à medida que os estilos de fala variavam, levando o autor à consideração de um conjunto de axiomas: não existe falante de estilo único; o vernáculo é de interesse primordial para os linguistas, mas pode ser comprometido na presença de um observador; o propósito da Sociolinguística é analisar como as pessoas falam quando não estão sendo observadas. Assim, quando os estilos organizam-se ao longo de “uma única dimensão segundo o grau de atenção prestada à fala, pode se ver que a maioria dos falantes segue um padrão regular de alternância estilística na mesma direção.” (LABOV, 2008, p. 139).

No entanto, segundo Labov (2001), há tensão entre duas abordagens para tratamento do estilo contextual: a primeira, que concebe a *mudança de estilo* como fenômeno naturalístico e etnográfico, a mais coerente, segundo o autor, e a segunda, que a vê como dispositivo controlado para medir as dinâmicas da variação sociolinguística. A opção pela primeira decorre do fato de que a “mudança de estilo parece ser uma das chaves para o que é visto como problema central da teoria da mudança linguística: o problema da transmissão<sup>7</sup>” (LABOV, 2001, p. 85 – tradução nossa), pois é perceptível que as crianças aprendem a falar com traços linguísticos diferentes de seus pais, da mesma forma que seus pais aprenderam a falar diferentemente dos pais deles. Para Corvalán (2001), é fato que os indivíduos mudam a sua maneira de falar de acordo com o contexto físico e comunicativo em que se encontram, adaptando-se às diferentes situações e condutas sociais.

Outro ponto de vista sobre a mudança de estilo é o adotado por Bell (1984). O autor centraliza seu objeto de análise não mais no falante, como fez Labov, mas sim no

---

<sup>7</sup> No original: “Style- shifting seems to be one of the keys to what we now see as the central problem of the theory of language change: the transmission problem.”

ouvinte, isto é, na audiência<sup>8</sup>, sendo esta a responsável pela mudança nos parâmetros linguísticos adotados pelo falante, que não somente alterna a sua maneira de falar porque atribui maior ou menor atenção a sua fala, mas também porque deseja acomodar sua linguagem ao seu público. Segundo o autor,

A inter-relação da variação interfalante, variação intrafalante e avaliação linguística é uma prova crucial sobre a derivação e a natureza da mudança de estilo. Qualquer estrutura que desenvolvemos para descrever mudança de estilo deve dar uma explicação satisfatória desses relacionamentos<sup>9</sup>. (BELL, 1984, p. 150-151 – tradução nossa).

Para Bell (1984), “a variação na dimensão de estilo dentro do discurso de um único falante deriva e ecoa da variação que existe entre os falantes na dimensão ‘social’<sup>10</sup>”. (BELL, 1984, p. 151 – *grifos no original* - tradução nossa), o que denomina de *axioma de estilo*<sup>11</sup>, assim ilustrado em três níveis: o primeiro opera no eixo sincrônico para um único falante que, em situações específicas de fala, alterna o seu estilo a fim de igualar a sua linguagem a de outro falante; o segundo atua diacronicamente para falantes individuais que, com a evolução do tempo, mudam seus padrões gerais de fala para igualaram-se com outros falantes e o terceiro nível age diacronicamente para todo um grupo de falantes que, com o tempo, muda a fala e passa a assemelhar-se linguisticamente a outro grupo.

O estudo da variação estilística deve considerar a grande diversidade de tipos variáveis empregados pelos falantes, por isso, para os variacionistas, conforme Hora e Wetzels (2011), um olhar mais atento, para os padrões de fala dos indivíduos e dos próprios grupos, poderá contribuir para entender como uma simples alternância de estilo propicia a mudança linguística a partir da interrelação com a variação interfalante. Desse modo,

---

<sup>8</sup> No original: “Audience design”.

<sup>9</sup> No original: “The interrelation of interspeaker variation, intraspeaker variation, and linguistic evaluation is crucial evidence on the derivation and nature of style shift. Any framework we develop to describe style must give a satisfying account of these relationships”.

<sup>10</sup> No original: “Variation on the style dimension within the speech of a single speaker derives from and echoes the variation which exists between speakers on the “social” dimension”.

<sup>11</sup> No original: “Style Axiom”.



a variação intrafalante repousa na interseção do individual e do comum (popular), um melhor entendimento de seus padrões levará a valioso *insight* sobre como as duas esferas se inter-relacionam – isto é, como os indivíduos internalizam padrões linguísticos mais amplos na comunidade e como esses padrões são estruturados e reestruturados pelos indivíduos na interação conversacional do cotidiano.” (HORA; WETEZLS, 2011, p. 152 - *grifo dos autores*).

Corvalán (2001, p. 116) distingue “três componentes básicos do contexto situacional em que ocorre a interação linguística: o cenário, o âmbito de uso e o propósito do falante.” Para a autora, a interação destes componentes motiva uma ampla e completa gama de estilos de formalidade sociolinguística ou variação diafásica. Os componentes do contexto situacional da interação linguística são: a) o cenário - formado por espectadores, lugar e tempo; b) o propósito – constituído pelo *tipo de atividade* (conversação, sermão, discurso, classe) e pelo *tópico da conversação*; c) os participantes – assim caracterizados: (i) indivíduo como indivíduo, que pode possuir *traços mais estáveis* (personalidade, interesse, aspirações, aparência física, estilo de vida etc) e *traços menos estáveis* (emoções, atitudes, estados de ânimo etc) e (ii) indivíduo como membro de uma categoria social (etnia, classe social, sexo, idade, ocupacional); e d) as relações entre os participantes: (i) relações interpessoais (amizade, conhecimento, simpatia, admiração) e (ii) outras relações (poder social, status social, grupo estranho etc).

Todas essas considerações mostram-nos que variação estilística, que estivera à margem de muitas abordagens linguísticas, entra em cena para explicar os usos variáveis amplamente utilizados nas diversas situações de comunicação. Conforme Labov (2001), o estudo “direto de mudança de estilo em grupos sociais tem sido um empreendimento auxiliar, projetado para lançar luz sobre as principais conclusões do padrão da comunidade<sup>12</sup>” (p. 86 – tradução nossa). Sendo assim, parece-nos que há uma perspectiva diferente de olhar os dados, ou seja, de ponto de partida, que passa a ver a variação não como um reflexo do lugar social, mas como um recurso para a construção

---

<sup>12</sup> No original: “direct study of style-shifting in social groups has been an auxiliary undertaking, designed to throw light on the main findings of the community pattern.”



de significado social<sup>13</sup> (ECKERT, 2012). Dessa guisa, passamos a tratar de estilo como característica da identidade do falante, o qual é visto como um agente que tece padrões linguísticos de acordo com as instituições sociais e comunidades de prática nas quais atua, contextos nos quais utiliza variantes com significados sociais específicos, a depender dos papéis sociais assumidos.

## 2. Procedimentos metodológicos

Os dados que integram o *corpus* desta pesquisa foram obtidos através de 16 gravações de situações interacionais. Em cada uma dessas situações comunicativas face a face, contamos com a participação de um grupo focal constituído por 04 sujeitos, sendo um o informante-base e os outros três os sujeitos com os quais o informante-base interagia, totalizando 64 sujeitos interactantes envolvidos na amostra, todos naturais de Cameté-PA. Os 16 sujeitos-base que participaram da pesquisa foram estratificados de acordo com faixa etária (08 na faixa etária I - 21 a 29 anos e 08 na faixa etária II – 34 a 44 anos); escolaridade (08 informantes com Ensino Médio e 08 com Ensino Superior); e sexo (08 do sexo masculino e 08 do sexo feminino).

Utilizamos a interação grupal, denominada de Grupo Focal<sup>14</sup>, como recurso para investigar o uso variável de *tu/você/senhor(a)* em situações comunicativas, já que, nas entrevistas sociolinguísticas, os usos pronominais decorrem somente da interação com o entrevistador e de retomadas discursivas de situações interativas. Segundo Backes *et al* (2011, p. 438), entretanto, quando se busca caracterizar o Grupo Focal, “pode-se argumentar que se trata de uma entrevista em grupo, na qual a interação configura-se parte integrante do método”. As sessões duraram, em média, de 30min (trinta) a 1h30min (uma hora e trinta) de gravação, não incluindo as conversas antes, para descontração do grupo, e depois das gravações.

---

<sup>13</sup> No original: This approach reverses the perspective from variation as a reflection of social place, to variation as a resource for the construction of social meaning.

<sup>14</sup> A técnica de pesquisa com o grupo focal foi usada e publicada pela primeira vez no ano de 1926, em um trabalho de Bogartus, nas Ciências Sociais, como entrevistas grupais. Em seguida, em 1946, durante a segunda Guerra Mundial, Merton e Kendall usaram-na para averiguar o potencial de persuasão da propaganda de guerra para as tropas. E, em 1952, foi Thompson e Demerath que lançaram mão desta técnica para estudarem fatores que afetaram a produtividade de trabalhos em grupo (cf. RESSEL et al., 2008).

Os informantes-base foram selecionados a partir de uma enquete realizada com moradores da zona urbana do município de Cametá, na qual perguntávamos *qual o profissional de maior status social* no município de Cametá e o porquê da escolha daquele profissional (por fator financeiro ou por nível de importância social para Cametá). A escolha dos outros três interlocutores de cada grupo focal deu-se a partir de uma rede de relações sociais entre eles e o informante-base, em conformidade aos princípios da *semântica do poder* - “mais velho que”, “pais do”, “empregador do”, “mais rico do que”, “mais forte do que” e “mais nobre do que” ou “mais poderoso do que” [e desconhecido do] – e da *semântica da solidariedade* - “participou da mesma escola [amigos, colegas, casados]” ou “tem os mesmos pais” ou “exerce a mesma profissão. (BROWN; GILMAN, 1960, p. 257-258). E dessa forma cada grupo focal foi configurado com um *informante-base*; um interlocutor de *relação assimétrica superior*; um *interlocutor de relação assimétrica inferior* e um interlocutor de *relação simétrica*.

A seleção dos informantes-base, a partir de critérios relativos a status social ou relevância para a comunidade cametaense, decorre do fato de crermos, como Labov (2001), na existência de agentes e/ou condutores da mudança linguística, tomando como pressuposto a pesquisa do autor sobre os líderes da mudança linguística, em bairros da Filadélfia. Esses líderes, por ocuparem posições centrais em certas redes de relações, por terem prestígio na comunidade e por estarem comprometidos com o desenvolvimento comunitário, podem transferir traços de sua linguagem a outros membros da comunidade, assim, é crucial que olhemos mais detalhadamente para esses indivíduos, os quais podem influenciar ações, comportamentos, opiniões, inclusive usos linguísticos.

Os dados coletados foram os dos informantes-base. Os resultados que apresentamos na seção que segue, tanto quantitativos quanto qualitativos, são relativos aos tipos de relação entre os interlocutores, grupo analítico caracterizado pelos seguintes parâmetros: assimétrico de inferior para superior, assimétrico de superior para inferior e simétrico (interlocutores em níveis hierárquicos de igual poder, numa relação de maior proximidade e/ou intimidade). A exposição da frequência das formas sob análise, em geral e em correlação ao tipo de relação entre os interlocutores, pauta-se em Fox (2007), para quem a modulação gramatical decorre de frequências, assumindo,

portanto, a relevância de restrições quantitativas na consolidação de normas linguísticas de uma comunidade.

Por termos como perspectiva somente o tratamento do tipo de relação entre os interlocutores, bem como por restrições técnicas (referentes ao espaço deste artigo), optamos por limitar o alcance de análise por um lado (ou seja, considerar somente o *tipo de relação entre interlocutores*), para ganharmos por outro (ou seja, tratar de variação estilística com o destaque que merece).

### 3. Atuação das variantes *tu/você/senhor(a)* em relações simétricas e assimétricas

Observamos, na amostra sob análise (527 dados), que há coocorrência e concorrência entre as formas de referência à segunda pessoa, com predomínio significativo da forma *tu* (307 dados, correspondendo a 58.3% da amostra) em detrimento da forma *você* (182 dados, correspondendo a 34.5%) e da forma *senhor(a)* (38 dados, correspondendo a 7,2%), como demonstramos na tabela 01.

Tabela 01 - Formas de tratamento à segunda pessoa no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA)

Forma de tratamento	Frequência	Total de dados
Tu	58.3%	307
Você	34.5%	182
o(a) Senhor(a)	7.2%	38
		Total geral de dados 527

Fonte: própria

Inferimos também que há competição intrafalante entre as duas formas pronominais de uso mais contínuo, pois se nota que as formas *tu* e *você* ocorrem em

dados de um mesmo informante, inclusive no mesmo turno de fala, como demonstra o exemplo (01):

(01) Eles criam assim uma relação de poder ... agregam a status ... néh!?! é o cara que resolve ... se TU vai por exemplo assim ... não ... fulano de tal vai resolver ... e vai lá por exemplo ... como vereador ... muitas vezes ... na escola por exemplo ... VOCÊ fala com a coordenação ... mas aí quem resolve é o diretor ... então ele pega e leva isso pro social também ... as vezes ele quer né?! [INFCAM11IIMB]<sup>15</sup>

Independentemente da variação intrafalante, os resultados, em geral, confirmam nossa hipótese de que a forma pronominal *tu* seria a mais corrente, como forma de expressão de segunda pessoa na linguagem oral dos falantes da zona urbana de Cametá, ou seja, ainda não foi substituída por *você*, nessa área do Norte do Brasil. A permanência do uso de *tu* na linguagem cametaense pode ser justificada pela forte influência linguística portuguesa, haja vista que não houve a presença, no município, de processo imigratório de outras regiões e até mesmo de outros países, durante os mais de trezentos e oitenta anos (380) anos de fundação da cidade. Os colonizadores de Cametá advieram de diversas regiões de Portugal, principalmente da Ilha dos Açores, segundo relatos de Silva Neto (1988) e Illari e Basso (2006), na tentativa de povoar e defender a região do Grão-Pará das invasões francesas e holandesas.

O uso de *tu* gera uma identidade linguística atribuída a esta região Tocantina em relação a outras regiões, como Distrito Federal, Santos, Feira de Santana e Salvador, Boa Vista, Macapá, Porto Velho entre outras localidades que, segundo pesquisas sobre o tema, possuem o *você* como forma de maior expressividade na linguagem oral. Se o mundo ganha sentido por meio das diferenças, a identidade é sempre a diferença. Nossos resultados, portanto, corroboram resultados já observados na região Norte sobre o uso das formas pronominais de segunda pessoa (SOARES e LEAL, 1993; MARTINS, 2010 e COSTA, 2013). Destacamos que Soares e Leal (1993) atestaram, inclusive, que a forma *senhor(a)*, utilizada pelos filhos no tratamento aos pais, também estava sendo substituída pela forma *tu*. Segundo as autoras,

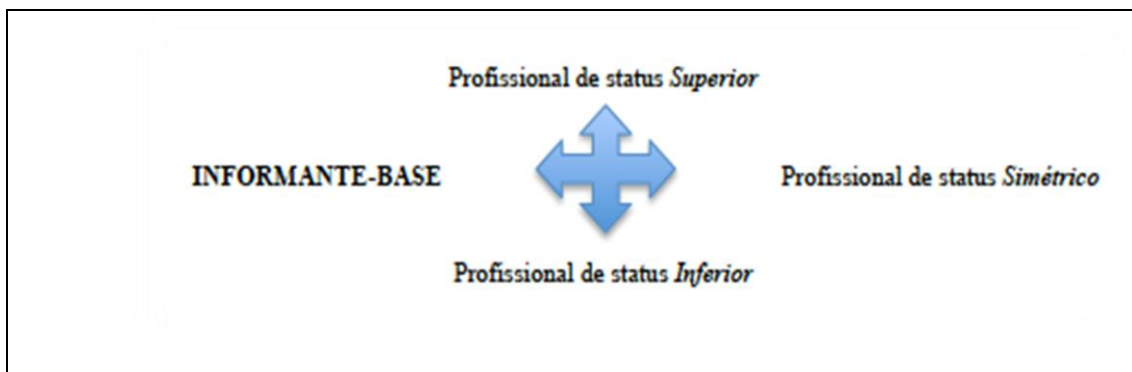
---

<sup>15</sup> Os códigos referem-se a: INF = Informante; CAM = Cametá; 11 = ordem dos informantes no plano da amostra; II = faixa etária entre 32 a 42 anos; M = masculino e B = ensino superior.

No sistema atual de filhos para pais na família Belenense está ocorrendo a seguinte variação: “tu”, “você”, “o (a) senhor (a)”. Se durante muito tempo a forma dominante foi “o (a) senhor (a)” (75% dos informantes-pais declararam, no questionário, usar exclusivamente esta fórmula ao se dirigirem a seus pais), no momento presente, os dados mostram que “o (a) senhor (a)” está “perdendo terreno” para tu: enquanto 38,59% das formas usadas pelos informantes-filhos é “o (a) senhor (a)”, quase 50% (49,13%) corresponde a “tu”. (SOARES e LEAL, 1993, p. 52).

Observada a predominância do uso do *tu*, seguimos com a pesquisa para investigação das correlações entre usos pronominais e relações entre os interlocutores. Pautamo-nos, em princípio, nas discussões tecidas por Brown e Gilman (1960), acerca das formas pronominais de segunda pessoa serem permeadas por relações sociais de poder (assimétrica) ou solidariedade (simétrica). Dessa feita, analisamos, conforme figura abaixo, se o uso de uma ou outra forma era característico de um ou outro tipo de relação entre os interlocutores.

**Figura 01 – Relação social entre informante-base e interlocutores**



Fonte: própria

Nossos dados revelaram que o emprego do pronome *tu* é mais recorrente nas interações simétricas (marido/esposa, entre colegas de classe ou de mesma profissão e/ou trabalho, irmãos, amigos, pessoas da mesma idade, ou que possuem um mesmo status social) com percentual de 65.6%, como se pode notar na tabela 2, abaixo:

**Tabela 02 – Relação entre os interlocutores e uso de *tu/você/senhora*(a) no português falado na zona urbana do município de Cametá (PA)**

<b>Tipo de relação entre os interlocutores</b>	<b>TU Apl./Total/%</b>	<b>VOCÊ Apl./Total/%</b>	<b>SENHOR/A Apl./Total/%</b>
Simétrica	246/375 65.6%	129/375 34.4%	0/375 -
Assimétrica (de inferior para superior)	13/66 19.7%	15/66 22.7%	38/66 57.5%
Assimétrica (de superior para inferior)	48/86 55.8%	38/86 44,1%	0/86 -
Total geral de dados	307/527	182/527	38/527

Fonte: própria

Um exemplo é o uso de *tu* em referência direta a um professor (conforme exemplo 02), pois o que fala também é professor, ou seja, são pessoas do mesmo status social, reforçando, assim, a função solidária semântico-discursiva do pronome nas relações sociais simétricas, isto é, entre pessoas que desempenham os mesmos papéis sociais.

(02) então é observado nesse sentido que a essa questão dos status ... né?! pra pessoa ela é acumulativa ... que quando o F. fala assim não porque é reconhecido em ponto tal tal tal ... pontual ... só que pra você está nesses pontos ... você passa por outros e vai ficando como TU falastes ((relação simétrica)) agora pouco porque por exemplo ... antes de eu entrar no INSA eu já dava aula no município. [INFCAM11IIMB]<sup>16</sup>

Observe-se, por outro lado, que a forma *tu* também é utilizada em relações assimétricas, possivelmente para minimizar distanciamentos. Por vezes, o que está em jogo pode ser a informalidade, conforme observa Mota (2008):

...nas relações de maior intimidade, ou nas relações de poder superior para inferior, a obrigação de uso de um estilo mais cuidado desaparece, uma vez

<sup>16</sup> INF = Informante; CAM = Cametá; 11 = número do informante; II = Faixa etária entre 32 a 42 anos; M = masculino e B = ensino superior.

que não há o desejo de ‘impressionar’, o que tenderá ao uso de um estilo amplamente informal. Isso explicaria o maior índice de uso da forma ‘tu’ nos referidos tipos de díades. (MOTA, 2008, p. 68).

Em consequência da informalidade, umas formas perderiam espaço e outra, mais neutra, mais frequente, menos marcada, ocuparia o terreno. Poderia ser esse o direcionamento de *tu*, em detrimento das outras formas: *você* e *senhor/a*, o que estaria, também, fundamentado na Teoria da Acomodação de Bell (1984), pois o falante pode adequar sua linguagem a de seu interlocutor, pelo princípio da acomodação, aproximando-se ou distanciando-se da variedade linguística deste. No entanto, pode-se aludir à conservação de diferenças, ou seja, mesmo que a forma *tu* se espraie pela comunidade, situações assimétricas seriam refletidas na codificação por variantes mais formais, ou seja, por *você/senhor(a)*, numa alusão ao princípio de iconicidade (GIVÓN, 1995). Devido a esse jogo de interesses, as três formas convivem e alternam-se na referência à segunda pessoa, embora, em geral, alternem-se à proporção em que os estilos também se alternam (LABOV, 2001) ou porque os papéis sociais dos interlocutores, assumidos durante o processo interativo, sofrem transformações (BELL, 1984).

Se conjugarmos três pontos de vista sobre a variação estilística, considerando-se o grau de atenção dado à fala (LABOV, [1972], 2001), a audiência do falante (BELL, 1984) e a situação comunicativa (CORVALÁN, 2001), podemos explicar com mais propriedade o que ocorre na tabela (02). Ao observarmos os informantes-base, vemos, por exemplo, que um deles, uma estudante universitária, da primeira faixa etária, utiliza formas diferentes em cada ato de fala quando as relações interpessoais são distintas. Vejamos três trechos de sua fala, respectivamente distribuídos em relação assimétrica de inferior para superior; relação simétrica e relação assimétrica de superior para inferior:

(03a) ... o que o senhor diria para um pai ou uma mãe que deseja preparar seu filho para a vida profissional?<sup>17</sup>

(03b) ... se cada um fosse se relacionar ... como ( ) tu falaste agora a ele...<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Interlocutor - empresário, segunda faixa etária e de nível médio.

<sup>18</sup> Interlocutor - colega-amiga, primeira faixa etária, sexo/gênero feminino e estudante universitária.



(03c) ...você também pode responder ... ( ) para se obter sucesso no comércio...<sup>19</sup>  
[INFCAM06IFA]<sup>20</sup>

O que observamos acima é mais que uma interrelação, é uma derivação, nos termos de Bell (1984, p. 151): “variação na dimensão do estilo dentro do discurso de um único falante deriva e ecoa da variação que existe entre os falantes na dimensão ‘social<sup>21</sup>’”, pois os falantes derivam seus parâmetros estilísticos de observações das diferenças sociais no uso da linguagem. Logo, “estilo é o que um falante individual faz com a língua em relação a outras pessoas<sup>22</sup>” (BELL, [1984], 2001, p. 141).

A mudança de estilo gera a variação linguística. Embora o falante use diferentes formas pronominais a um mesmo grupo, o que justifica a variação, o faz em níveis percentuais distintos, já que atribui significado social às variantes linguísticas. Por exemplo, das 38 (trinta e oito) ocorrências de *senhor(a)*, existentes no corpus, todas foram usadas em contextos de assimetria - de inferior para superior, o que reforça, ainda mais, o traço formal atrelado a tal variante. Isso reafirma que a língua não é indiferente às características sociais e contextuais de quem a usa (CORVALÁN, 2001).

## Considerações finais

Ao descrevermos o uso variável entre *tu/você/senhor(a)*, comprovamos que a forma *tu*, conservadora, é mais frequente na zona urbana de Cametá, para referência à segunda pessoa do discurso. O tratamento dessas formas mediante análise de uma variável estilística, em grupos sociais, contribuiu para entendermos que o emprego de *tu* é mais frequente em contextos de simetria social, ao passo que *você* e *senhor(a)* tendem a ocorrer em situações comunicativas assimétricas, demonstrando de que maneira as relações socio pessoais (de poder e de solidariedade) interferem na variação.

Creemos que os resultados desta pesquisa possam contribuir sobremaneira tanto para a caracterização das formas de referência à segunda pessoa no Norte do Brasil,

---

<sup>19</sup> Interlocutor - funcionário da loja, sexo/gênero masculino, primeira faixa etária e ensino médio.

<sup>20</sup> INF/Informante; CAM/Cametá; 06/ordem do Informante; I/Faixa Etária I (21 a 29 anos); F/Feminino e A/Ensino Médio.

<sup>21</sup> No original: Variation on the style dimension within the speech of a single speaker derives from and echoes the variation which exists between speakers on the “social”.

<sup>22</sup> No original: Style is what an individual speaker does with a language in relation to other people.

quanto para demonstrar que entrar na dimensão estilística pode ser um meio eficaz de compreender como e por que os fenômenos linguísticos variam e mudam. Isso significa dizer, por um lado, que a preferência, em geral, por uma das formas em variação, a forma *tu* em Cameté (58.3%), pode ser um indício de mudança em direção à semântica da solidariedade. Por outro lado, é preciso considerar que há variação estável quando contrapomos relações simétricas (preferência pela forma *tu*) a relações assimétricas de inferior para superior (preferência pela forma *senhor(a)*), pois, em ambos os casos, são os diferentes papéis sociais assumidos que condicionam as escolhas, do que decorre manutenção de formas em variação no sistema linguístico da comunidade.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2010.
- ANDRADE, Adriana Lília Soares de. **A variação você, ce, ocê no português brasileiro falado**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2004.
- BELL, Alan. Language style as audience design. *In: Language in Society*. Cambridge Journals. vol.13 (2), p. 145-204, jun. 1984. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org>> Acesso em: 02 jun. 2014.
- BELL, Alan. Back in style: reworking audience design. *In: ECKERT, Penelope and RICKFORD, John R. Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge University Press, 2001. p. 139-169.
- BACKES, Dirce *et al.* Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O mundo da saúde**, São Paulo, 2011, 35(4), p. 438-442.
- CASTILHO, Ataliba de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira; BASILIO, Margarida (Orgs.). **Gramática do Português falado** – Volume IV: Estudos descritivos . 2ªEd. Editora Unicamp, SP, 2002.
- CORVALÁN, Carmen Silva. O contexto estilístico da variação. **Sociolingüística y pragmática del español**. Washington: Georgetown University Press, 2001, p. 116-128.

- COSTA, Lairson Barbosa da. **Variação dos pronomes “tu”/“você” nas capitais do norte**. 94 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5ª Ed. Rio de Janeiro, Lexikon, 2008.
- BROWN, R. e GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. *In*: SEBEOK, T. A., (ed.), **Style in Language**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1960, p. 253-276. Disponível em: < <http://mapageweb.umontreal.ca> >
- ECKERT, Penelope,. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. *Annu. Rev. Anthropol*, ARI 19, June 2012.
- FOX, Barbara A. Principles shaping grammatical practices: an exploration. **Discourse Studies**, 9, 2007, p. 299-318.
- GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1995.
- HERÊNIO, Kerlly Karine Pereira. **Tu e Você em uma perspectiva intra-linguística**. 212 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, MG, 2006.
- HORA, Dermeval da; WETZELS, Leo. A variação linguística e as restrições estilísticas /linguistic variation and the stylistic constraints. **Revista da Abralín**, v. Eletrônico, n. Especial, 1ª parte, 2011, p. 147-188.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LABOV, William. Principles of linguistic change. Social Factors: volume 2. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc., 2001.
- LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Center for Applied Linguistics, Second edition. Cambridge University Press, [1966], 2006. p. 03-86.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. BAGNO, Marcos; SCHERRE, M. Marta P.; CARDOSO, Caroline R. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- MARTINS, Germano Ferreira. **A alternância tu/você/senhor no município de Tefé-Estado do Amazonas**. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2010.

- MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português do Brasil. **Letras**, Curitiba, Editora da UFPR, n. 44, 1995, p. 91-106. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/19069/12374>. Acessado em: 04/04/2012.
- MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos-SP**. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- MOTA, Maria Alice. **A variação dos pronomes 'tu' e 'você' no português oral de São João da Ponte (MG)**. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A Gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- OLIVEIRA, Luanda Almeida Figueiredo de. Tu e Você no português popular do estado da Bahia. Comunicação ao **VIII Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA**. Salvador, 2007.
- PERINI, Mário A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PRETI, Dino. Cortesia Verbal. **Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo**. V. 9, Editora Humanitas, 2008.
- PRETI, Dino. **Estudos de Língua Oral e Escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- RESSEL, Lúcia Beatrizet *et al.* *O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa*. **Texto Contexto**, Enferm, Florianópolis, 17 (4), out-dez 2008, p. 779-86.
- RODRIGUES, David Fernandes. **Cortesia verbal: uma competência discursivo-textual** (formas verbais corteses e descorteses em português). Dissertação de doutoramento. Faculdade de Ciências Naturais, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2003. 510 p.
- SANTOS, Viviane Maia dos. A constituição de corpora orais para a análise das formas de tratamento. *In*: Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 9, 2010, Palhoça, SC. RAUEN, Fábio José (Org.). **Anais do IX Encontro do CELSUL**. Palhoça, SC, Ed. da Unisul, 2010. p. 1-10. Disponível em [http://www.celsul.org.br/Encontros/09\\_index.htm](http://www.celsul.org.br/Encontros/09_index.htm). Acesso em: 20/05/2018.

SILVA NETO, Serafim. 1988. **História da Língua Portuguesa**. 4 Ed. Rio de Janeiro: presença, Brasília, 1998.

SOARES, Izabel Cristina. Rodrigues; LEAL, Maria da Graça Ferreira. Do senhor ao tu: uma conjugação em mudança. **MOARA**. UFPA, Belém-PA, n.1, mar./set. 1993, p. 27-64.